

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.

Largo da Carioca nº 4 (Sobrado)



Segundo o que declarou o Dr Cruls, em vez do Cometa, teremos o esplendido espectáculo de uma chuva de estrellas. Venha ella que estamos promptos para vel-a e recebel-a.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atraso.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

Rio, 11 DE NOVEMBRO DE 1899.

LAMURIAS

O Sr. presidente da Associação Commercial voltou de novo a choramigar pelo *Jornal do Commercio* contra o pouco caso que o Congresso faz das suas lamentações.

Este novo Jeremias queixa-se agora de que o Senado não tomou na devida consideração a representação que lhe apresentara, e que só o senador Oiticica occupou-se com a sua obscura individualidade.

Obscura é modestia, magra é que deveria dizer.

Esta declaração do não obscuro mas magrissimo presidente da Associação Commercial, abriu-nos o appetite da curiosidade e, lançando mão do *Diario Official*, lemos na secção *Diario do Congresso Nacional* o eloquente discurso do Sr. Leite e Oiticica concernente á tal representação.

Como é longo, transcrevemos apenas alguns topicos.

Por estés a Associação Commercial do Rio de Janeiro comprehenderá que o seu illustre e não menos magro presidente a compromette, pois, intelligente como é, não deve ignorar que não é com vinagre que se apanham moscas.

Eis o que disse o Sr. senador Leite e Oiticica:

«Essa representação é uma philippica contra a Camara dos Srs. Deputados, tratada de modo menos cortez, menos attencioso, com phrases que destoam do modo pelo qual taes documentos devem ser redigidos. O Senado comprehende que só ha

um despacho a proferir n'essa representação o:—*requeira em termos*, consagrado pela praxe para petições em que nem o decoro é guardado. Por mais graves erros que possa alguém julgar os actos da Camara dos Srs. Deputados, por mais absurdas que sejam as suas deliberações, ella representa um dos poderes constituídos da Nação Brasileira e amesquinhar a Assembléa dos Representantes da Nação é villipendiar a propria Nação. Não merece as deferencias dos poderes publicos quem aos poderes publicos não sabe dirigir-se com acatamento.

Está vendo que amanhã será o Senado o aggreddido, desde que elle acceitar a proposição pela qual a Camara é arrojada ás gehenas da colera popular pelo presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

A commissão de finanças, essa está já passivel dos mesmos epithetos por ter aconselhado ao Senado que adopte a proposição.

.....
.....
.....

«E' ainda de estranhar a agitação feita em torno do governo actual; clamam contra elle, tocam o clarim de má fama contra a situação lamentavel em que o paiz se acha, jogando sobre o governo o máo estado das finanças e da praça, sem se lembrarem que não é elle o culpado das difficuldades do presente, nem tão pouco da severidade de medidas revigoradas agora.

Quem creou para o paiz a desordem nas finanças, o cambio a 7, a elevação dos impostos, a estampilha para todos os generos, o imposto de consumo, a suppressão de pagamentos, o *funding loan*, não foi a administração actual, contra a qual se querem insurgir o commercio, a industria, todas as classes. A situação, filha de erros accumulados, foi, ao contrario, amparada pelo Sr. presidente da Republica, em um momento em que não era ainda governo. S. Ex. achava-se no estrangeiro, eleito presidente da Republica, quando viu prestes a suspender pagamentos o governo a que elle ia succeder; era a bancarota para a sua patria, a cujos destinos elle fôra chamado a presidir.»

.....
.....
.....

Está bem claro e evidente que o Sr. Honório Ribeiro fez uma representação mais politica do que commercial.

Seu fim é chamar o odio da população e da classe que elle diz representar contra o governo.

Triste systema de opposição é este e mais triste ainda é interpretar de um modo

falso um regulamento fiscal, com o fim de espalhar o terror no commercio e na industria.

Não tem razão o presidente da Associação Commercial em nenhuma das reclamações que faz, disse-o bem claramente o senador Oiticica, que provou, discutindo o regulamento, não haver motivo algum de queixa nem de vexames para a classe séria commercial ou industrial que cumpre com o seu dever.

Quanto áquelles que procuram passar a perna tanto ao fisco como ao publico... e são tantos! Estes, sim, podem-se queixar.

Será a causa d'estes que o Sr. Honório Ribeiro defende com tanto ardor... sebastianista?

A NOSSA JUSTIÇA!

Por duas vezes o jury absolveu e unanimemente cidadãos brasileiros indigitados como autores do barbaro e covarde assassinato commettido contra um cidadão igualmente brasileiro, que nem sequer conhecia seus assassinos, nem nunca lhes fizera mal algum que motivasse tamanho attentado, o que poderia attenuar de algum modo a furia collectiva e assassina dos que o mataram sem dó nem piedade, como se mata um tigre ou um jararacussú.

Si o jury os absolveu e unanimemente é porque, sem duvida, são innocentes; n'este caso todas as testemunhas da accusação devem ser processadas como perjuras e punidas severamente por terem mentido á justiça, calumniando honrados cidadãos que estiveram detidos longos mezes antes de serem apresentados ao primeiro jury que os devia julgar.

Isto é o que mandam a logica, a razão e a justiça.

Está hoje, portanto, provado pela sentença do HONRADISSIMO tribunal do jury que os cidadãos tão injustamente accusados de terem praticado tão hediondo crime, não eram mais que testemunhas convidadas pelo coronel Gentil de Castro para assistirem ao seu suicidio.

E', pois, evidente que o coronel, vendo esses individuos chegarem armados de cacetes, revólvers e punhaes, pediu-lhes essas armas, ou talvez mesmo lh'as arrancasse das mãos, com o intuito de mostrar como é que um cidadão que toma passagem para Petropolis, pôde também tomal-a para o outro mundo!

Caceteando-se logo com uma tremenda pancada na cabeça e esburacando-se com tiros de revólver e golpes de punhal, não tardou o mallogrado coronel a exhalar o ultimo suspiro.

Não pôde, portanto, a accusação dizer que essa gente o assassinou, mas censural-a por não haver impedido esse acto de

loucura de um cidadão que gozava boa saúde, não pequena fortuna e muita consideração entre os seus correligionários monarchistas; accusal-a, emfim, de haver suicidado o coronel Gentil de Castro!

Quanto ao facto de terem fugido o visconde de Ouro Preto e seu illustre filho, Dr. Affonso Celso, está provado á evidencia que não houve da parte dos accusados a menor intenção de hostilizar-os, e muito menos de os obrigar a fazer companhia ao seu amigo Gentil, que já estava em caminho para as taes regiões de onde nunca mais se volta.

O que houve, pois, foi simplesmente uma aposta entre aquelle visconde e seu filho, pretendendo o velho pai, não obstante a sua idade avançada, ter ainda boas gambias para ganhar a carreira ao seu joven filho; e nada mais!

Os honrados cidadãos que lhes iam no encalço nenhum fim tinham a não ser unicamente a curiosidade de ver qual d'elles ganhava a aposta.

E' o que se deprehende da sentença do tribunal que os julgou tão innocentes como pombas sem fel.

Entretanto, o facto que se dera, segundo narram os jornaes do dia e declararam as testemunhas que o presenciaram, é que o visconde e seu filho fugiam á morte.

N'essa corrida vertiginosa e já cansados, esfalfados, deitando a alma pela bocca e com receio de a perderem por uma vez, encontraram felizmente o meio de conserval-a, entrando precipitadamente por uma porta que se abria para lhes dar abrigo.

Era um honrado cidadão que, presenciando tudo, recolheu-os em sua casa afim de salvá-los da sanha de seus perseguidores.

Não é só em Berlim que ha juizes, nós cá tambem os temos!...

O CRIME DE BOTAFOGO

A curiosidade publica tem sido ultimamente explorada de um modo escandaloso por alguns dos nossos jornaes, acerca do tal crime commettido em Botafogo e do qual dizem ter sido victima uma pobre criada.

As invenções mais extraordinarias, fructos de informações diversas, malevolas e extravagantes; os commentarios mais torpes apanhados nas vendas, na rua, no quitandeiro, na pharmacia, nos tilburys, nos bondes, em toda a parte, emfim, menos onde deveria ser, encheram de tal modo a cabeça de alguns *reporters* que, aceitando como verdadeiro tudo quanto ouviam, fornicaram noticias de grande sensação, afim de embasbacarem o nosso publico, tão difficil de emocionar-se, tal é o habito em que está de ler diariamente toda especie de crimes mais ou menos horrorosos e sangui-nolentos.

Isto ainda seria o menos, pois que esse

systema de colorir os acontecimentos com as côres mais violentas negras ou rubras, é em geral e universalmente applicado no mundo inteiro para *épater les bourgeois*.

O que, porém, nos parece leviano, inconveniente e desastrado é rodear o crime verdadeiro ou supposto de certas insinuações mysteriosas e hypocritas, de caracter mentiroso e calumniador, em que se põem em jogo a honra e a reputação de uma familia honesta e digna, que bem longe está de suppôr ser o alvo de boatos infamantes e calumniosos, collidos por gente da imprensa que, para não levar furos dos collegas, publicam e precipitadamente noticias as mais graves, sem tratar de certificar-se si são bem ou mal fundadas!

E' por isso que o respeitavel general Catão Roxo, victima principal de tão infames boatos, fallados e estampados, apresentou-se á policia para obrigar-a a verificar, como verificou, que a joven Côra, a tal victima que dizia-se ter elle assassinado, achava-se no collegio das irmãs de Caridade, gozando perfeita saúde, sendo tão bem tratada ali, como o fôra em casa de seu protector o general Roxo.

E' agora? que figura fazem os jornaes que accusaram o velho e respeitavel general?

E que figura ainda mais ridicula faz a policia e particularmente o Dr. Baptista da Cunha em todo este negocio?

E' possivel que um delegado deixe correr á revelia tantos boatos sobre um supposto crime que todos julgavam ter-se dado em uma casa, sem que tratasse de indagar dirigindo-se loga á fonte limpa?!

Que policia!

Si não fosse *A Tribuna*, em sua edição de 7 do corrente, ter publicado um artigo no qual declara estar perfeitamente informada, por ter recorrido á fonte limpa, afim de esclarecer esse supposto crime, ainda a nossa *perspicax* policia andaria ás tontas.

Os nossos parabens, portanto, á *Tribuna*, por ter feito a luz sobre esse caso, no qual a policia, a imprensa e o povo andavam ás escuras.

EXAMES E MADUREZA

O assumpto de que trata a secção «Questões do dia», na *Gazeta de Noticias* de 8 do corrente, chama a attenção pelo titulo que a encima—OS EXAMES DE MADUREZA Comecei a ler:

«A respectiva commissão da Camara dos Deputados já deu parecer favoravel á emenda do Senado, adiando mais uma vez a época em que deve ficar definitivamente adoptado o exame chamado de madureza. Quem escreve estas linhas tem interesse pessoal em que essa emenda seja adoptada, mas oppõe-se, e ha de oppôr-se enquanto puder, a que mais uma vez se adie o que ha já tantos annos foi decretado, e ou é bom e deve ser posto em execução, ou é máo e deve ser de vez rejeitado.

Antes de tudo, mostremos ao publico, pela redacção da emenda e do parecer, como se trata n'esta terra das questões mais sérias.»

Procuirei logo e tambem antes de tudo, isto é, antes de continuar a ler, a assignatura ou pseudonymo que me indicasse qual dos redactores da *Gazeta de Noticias* tem interesse pessoal n'essa questão de madurez e está prompto a mostrar ao publico como

se trata n'esta terra das questões mais sérias.

Nada vi assignado.

Quem seria, então?

Conheço quasi todos os redactores e collaboradores d'esse jornal, que vi nascer haverá uns 25 annos mais ou menos.

Todos são maduros e madurissimo até deve ser um d'elles; que desde o comego da publicação da sympathica folha seus companheiros já lhe chamavam *João Velhinho*.

Eu tambem sou maduro e ás vezes até demais!...

Essa questão de madureza interessame, pois, tanto como ao autor do artigo; e logo que se trata de exames e de emendas, creio que tambem posso apresentar-me candidato para ser examinado e emendado si preciso fôr. Não tenho a pretensão de ser perfeito e, apezar de maduro, creio que nunca é tarde para a gente corrigir-se de certos defeitos e sujeitar-se a qualquer emenda.

Continuei a ler:

«A emenda do Senado diz assim:

Art. 1º Aos estudantes que até 31 de Dezembro do corrente anno houverem prestado ou requererem prestar exame de qualquer materia preparatoria para a matricula nos cursos de ensino superior, é permittido concluir o curso preparatorio por exames parellados até 31 de Dezembro de 1902.»

Não fui mais adiante. Vendo que se trata de negocios de estudantes, comprehendí logo que a gente madura nada tem que ver com a questão, e que talvez não seja maduro quem assim declara ter n'ella interesse pessoal. Será estudante?

Em todo caso, maduro ou não, velho ou moço, o articulista deve ser algum gráudo, gozando de grande influencia pelo modo como declara que «oppõe-se e ha de oppôr-se enquanto puder», etc., etc.

Eu é que não me opponho a cousa alguma. Ha tantos annos que a nossa instrução publica tem dado por páos e por pedras com as mudanças constantes de leis, methodos e regulamentos, que já não estranho ver o Senado, em sua alta sabedoria, desmanchar com os pés o que outros fizeram com as mãos.

Censurar taes actos é perder o seu latim.

E como o que possuo é pouco...

AFFONSO XIII

Grande acontecimento nas côrtes europeas e no mundo diplomatico.

O rei da Hespanha fez o seu primeiro discurso em francez!

Bravo!

Eis o telegramma:

«MADRID, 6—No banquete que seguiu-se

A Republica em perigo!



Dez annos de republica e estou a ver navios!... Os monarchistas estão a dormir, preciso acordá-los.



E o illustre Commendador deitou conversa pelo "Jornal" assim como quem toca trombeta para chamar a attenção.



E chamou-a; pois que ninguém julgava o Com.^o ex-Cor.^l da G.N., um publicista capaz de escrever tantas cousas e tantos artigos.



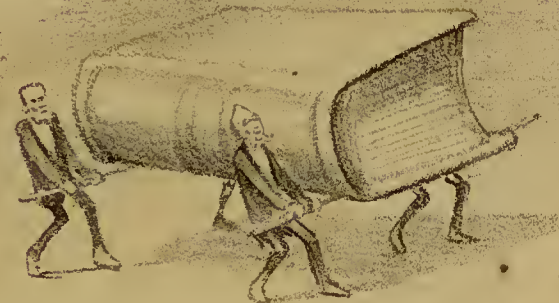
Afinal os monarchistas acordaram do ostracismo em que se achavam: As trombetadas, enfim, produziram seu effeito.



Tallou-se logo em haver grande conspiração contra a Republica.



Tambem constou terem resolvido publicar um colossal volume, no qual deviam collaborar os principaes chefes Sebastianistas. O Malvino forneceu a tinta.



O volume ja está prompto e em viagem, e consta que vão trazê-lo para no dia 15 de Novembro



derrubarem com elle a Republica, se Deus não mandar o contrario!



O tal volume dá assim uns ares de Cometa, Cometa real ou imperial, porém de effeito parcial, pois que só pretende dar cabo do Brasil republicano, ao passo que o de Falb quer acabar com o mundo!



Conseguindo seus fins, os monarchistas, como as rãs da fabula, pedirão um rei à Europa, mas receberão o telegramma seguinte: Ninguém, por aqui, quer ser rei em terra de malucos!

Não haverá remedio senão escolhet-o d'entre os proprios monarchistas. — Eu tenho direito, dirá o ex-partido liberal. — Está enganado, Você foi quem deu cabo da monarchia! — Ora, vêm sempre com a mesma cantiga... — Pois, se Você foi um idiota... — É você é um insolente! — E começa o puxa-puxa...

e acaba, como sempre, em grande pancadaria! Camd. de Oliv. — Aproveita, Malvino; "Inter duo litigante tertius gaudet." Malvino — O que quer dizer isso? Camd. de Oliv. — Quer dizer, que apanhes a coroa para ti!

Naturalmente o resultado será o feliz Commendador ser aclamado D. Malvino I; rei do Brazil, e com direito aos papos de Luciano e outras magestáticas bugigangas.

no palacio real á entrega pelo principe Alberto da Prussia das insignias da ordem da Aguiá-Preta ao joven rei Affonso XIII, pronunciou o principe Alberto um discurso no qual affirmou a cordialidade das relações da Allemanha com a Hespanha.

O rei Affonso, agradecendo, pronunciou em francez o seu primeiro discurso, exprimindo-se com tanta facilidade e precisão que isso valeu ao joven monarcha os elogios de toda a assistencia.»

Parece-me estar vendo todos aquelles fidalgos, fardados e dourados, rodearem o joven rei com o sorriso nos labios, engrossando-o medonhamente, e a mamã D. Maria Christina radiante do successo obtido pelo real pimpolho.

Do nosso correspondente especial recebemos o seguinte telegramma:

MADRID, 6— Vendo o bello effeito que produziu o seu discurso em francez e sendo louvado pela sua bella pronuncia, o rei D. Affonso XIII perguntou á rainha Maria Christina si poderia recitar uma fabula de Lafontaine em francez.

— Como mãe consentiria, como regente não posso, respondeu ella.

MADRID, 6 (9 horas) — Terminado o banquete, S. M. Affonso XIII retirou-se para seus aposentos, onde brincou com a Aguiá-Preta com que o presenteara o seu amigo e collega Guilherme II, sem o menor receio de levar bicadas.

MADRID, 7 — Telegrammas contendo o discurso em francez foram expedidos a todas as côrtes coroadas europeas, asiaticas, africanas e oceanicas.

Aqui na America é que não chegou nenhum d'esses telegrammas, mesmo porque não temos mais corôa nem mantos de papos de tucanos, o que causa um profundo desgosto ao commendador Malvino Reis, que ainda não se consolou da perda do seu pennacho de tenente-coronel da Guarda Nacional.

BERLIM, 8 — Todas as côrtes europeas deram grande banquete ao qual compareceram todos os principes reaes ou imperiaes e fidalgos dos mais illustres em honra ao joven rei da Hespanha.

Ao *dessert*, por occasião de abrir-se o champagne, brindou-se Affonso XIII com todo o entusiasmo, cantando-se: *Il grandir, il grandira car il est espagnol.*

UMA INFELIZ!

Com o titulo *Pobre moça* noticiou o collega *O País* as desgraças de uma pobre senhora de 28 annos, que fôra recolhida á delegacia da 4.^a circumscripção urbana acompanhada de uma criança de dois annos.

Desde pela manhã que ella attrahia a attenção dos que passavam pela rua do Ouvidor, onde se achava, segurando ao collo a sua filha e sem poder occultar signaes visiveis de profunda dôr... moral ou talvez physica!

A esses senhores, que a observavam de um modo alvar e estavam naturalmente de barriga cheia, não lhês passou pela mente que a pobre mulher soffria talvez fome!

Murmurejou-se logo que era louca e, como tal, foi levada á presenca de uma autoridade policial.

Ahi soube-se quem era...

Filha de importante familia e professora diplomada, achava-se no maior estado de miseria e sem poder alimentar-se, tanto ella como sua filha, fructo de um máo passo que dêra, o que lhe occasionou ser abandonada por todos.

Seus maiores desejos eram encontrar uma familia caridosa que tomasse conta de sua filhinha.

Infeliz mulher!

Si *O País* não fez nenhum commentario sobre a desventura d'essa pobre senhora victima de uma sociedade pervertida e deshumana, ao menos encimou o seu artigo com duas palavras que bem exprimem o seu justo modo de pensar: *Pobre moça!*

Egualmente bem applicado foi o titulo *Lamentavel*, que deu o *Jornal do Brasil* sobre o mesmo assumpto.

Louca é o titulo com que *A Tribuna* noticiou o mesmo facto.

Como se vê, as opiniões dos tres jornaes são diversas.

A d'*O País* é mais natural, mais verdadeira e mais simples, assim como a do *Jornal do Brasil*.

A d'*A Tribuna*, mais phantastica e pretenciosa, julgando já a mulher completamente louca e no caso de ir para o hospital. Quem sabe si o tal *reporter*, que julgou logo do estado mental d'essa pobre mulher, não é algum discipulo do grande Charcot?

O que ha de mais interessante é o modo por que terminou a sua noticia:

«Mais tarde soubemos que o Dr. delegado da 4.^a circumscripção mandou que a pobre louca se recolhesse á casa de sua residencia.

E' mais uma infeliz que a policia atira ás desgraças da rua, negando o necessario abrigo no Hospicio de Alienados.»

Consta que o delegado da 4.^a ao ler isto ficou furioso!

— Então, recolher provisoriamente uma infeliz creatura em minha casa, até dar as devidas providencias, é o mesmo que atirar-a ás desgraças da rua?!

O que suppõe esse senhor ser a minha casa?

Do Hospicio de Alienados precisa elle!

O delegado tem razão; nem podia proceder de outro modo vendo que a pobre infeliz e sua filhinha precisavam de socorro immediato e, sobretudo, de alimento.

Mas o *reporter* d'*A Tribuna* pensou lá n'isso? Elle que pouco antes tomara uma boa chicara de café no Brito e comêra dois *jacobinos*!...

N. B.—Temos por habito quando se trata de questões d'esta ordem, nunca dar o nome das pessoas, evitando assim qualquer vexame que lhes possa advir no futuro.

BOFETADA

Mais uma inconveniencia commettida pela nossa imprensa, mais ou menos igual á do tal crime de Botafogo, em que não se duvidou levianamente e sob simples boato ferir a honra de um velho general.

D'esta vez é a reputação já tão commettida do nosso exercito, em relação á sua disciplina, que está ferida gravemente, não só pelo genero de aggressão de um soldado a um official, como tambem pela publicidade que leviana e impatrioticamente

deram alguns jornaes applicando lhe a palavra que encima estas linhas ao relatar mais esse facto escandaloso.

O que se dirá de nós no estrangeiro!

Nunca nossa penna nem nosso lapis se prestarão a narrar ou reproduzir certos actos que possam ferir a dignidade de officiaes do exercito, victimas de uma soldadesca ignorante e brutal, que nem sabe medir a gravidade dos actos de indisciplina que commette.

Ainda que esse facto da fortaleza de S. João fosse por nós presenciado, teriamos fallado em *agressão*, como fizeram alguns jornaes mais criteriosos, mas nunca em *bofetada*!

A penna do jornalista tem obrigação de conservar um certo decoro, mórmente quando se trata de uma classe como é a dos officiaes, cujo dever é manter-se digna e respeitada a bem da disciplina, sem a qual não ha exercito possivel.

A unica hypothese que permittiria expôr com toda sua nudez um facto d'essa ordem, é si o aggreddido, estando armado, tivesse podido estender a seus pés o aggressor.

As nossas leis militares precisam de uma reforma, e isto quanto antes. O que consideramos hoje ser uma garantia, pôde tornar-se, um dia, um verdadeiro perigo.

Já são por demais os actos de indisciplina, e desde algum tempo notamos que são os proprios officiaes as principaes victimas.

Esse facto, que se deu no dia 9, foi confirmado no dia 10 pelas proprias testemunhas e egualmente pelo capitão que fôra aggreddido. Mas...

Não se tratava de bofetada, mas sim de uma dentada...

Ha sua differença.

E' a tal cousa... fiar-se nos *consta* e nos *dizem* por ser mais commodo do que ir á fonte limpa, que ás vezes é muito longe.

D'isto estão convencidos o general Roxo e o capitão Affonso de Carvalho.

O FIM DO MUNDO

Consta-me que algumas pessoas andam meio assustadas com o fim do mundo, que deve realizar-se pelo encontro do cometa da Biela com a terra, no dia 13 do corrente mez.

O medo em alguns tem chegado a verdadeiro panico e os confessionarios estão cheios de peccadores que alli vão despejar toda especie de patifarias que commetteram n'este mundo, com receio que o tal cometa os mande para as caldeiras de Pedro Botelho.

Eu não me abalo com essas cousas. Acho até que não deve ser desagradavel de todo passar d'este planeta para outro ou para onde Deus quizer, logo que a gente parte em massa com parentes e amigos, acompanhados de toda a bicharia domestica e familiar e mesmo da que não o é, e de tudo quanto existe e estamos acostu-

mados a vêr desde que nascemos até o dia 13, em que... brrrr!!!

Deve ser medonho!

Lembrei-me de ir consultar o Cruls lá do Castello, afim de indicar-me qual o logar da cauda do cometa que mais commodidade e segurança offerece para agarrar-me a ella.

Esta viagem pelo espaço infinito e celeste deve ser de uma belleza excepcional!

Que prazer teria eu em poder cumpri-mentar a lua!

E Venus então?!...

Tanta felicidade não é para nós, pobres mortaes...

Não, não acredito no tal fim do mundo, e não receio, portanto, perder a roupa para o verão que encomendei ao meu alfaiate, nem os entes que me são caros.

§§§§§

E' incomprehensivel este panico, quando todos os dias, eu e os mais, vemos o fim do mundo. Haverá um fim mais final, mais real, mais certo do que a morte? Pois o mundo não se acaba quando tambem acabamos?

O verdadeiro fim do mundo é o cemiterio; tudo o mais são cantigas astronomicas publicadas em folhinhas e que não merecem a menor fé.

Pois é possível acreditar por um instante, siquer, que o Padre Eterno, que fez o mundo, essa grande maravilha habitada e admirada por milhares de gerações que se succederam durante um numero infinito de seculos, possa assim, sem mais nem menos, dar-lhe um piparote para destrui-lo ou embrulhar-o na cauda de um cometa!

O' catholicos, apostolicos e romanos—apezar de muito bons cariocas—tereis a ousadia de suppor que, por ser velho, o creador do mundo perdeu o juizo!

Que receio então é esse?!

§§§§§

Si depois d'esta conversa não tiver convencido os mais medrosos, é porque elles querem mesmo que o mundo se acabe... para elles.

A GUERRA

(Do nosso correspondente especial)

«CAPE-TOWN, 8—Os telegrammas que os jornaes publicam sobre a guerra não devem merecer-lhe muita confiança. Sendo quasi todos de origem ingleza, não tratam das surras que por aqui tem levado o exercito britannico em varios encontros com os boers, sinão muito ligeiramente.

Estes tambem pelo seu lado têm tomado algumas esfregasinhas.

As operações militares soffrem no seu movimento, pelo lado dos inglezes, por terem os boers inutilisado estradas, pontes, etc.

Com muita difficuldade consegui enviar-lhe esta carta, pois que nas estações dos correios são retidas quasi todas.

Disse-me um inglez, meu amigo e negociante aqui, que as noticias são quasi sempre forjadas na Inglaterra pelo governo e entregues depois á imprensa. Não se fie, portanto, no que por ahí se publica sobre a guerra.»

Noosso informante tem razão: *Em tempo de guerra, mentira como terra*, diz o rifão.

O que não ha duvida é que de ambos os lados combate-se com o mesmo ardor e entusiasmo.

Os boers sabem que, si forem vencidos,

perdem tudo, até talvez sua nacionalidade; salvo si a Europa intervier.

Os inglezes comprehendem que, para manterem o seu prestigio—não só nas colonias africanas, como em todas as que possuem nas cinco partes do mundo, têm de empregar todos os esforços, toda sua energia, para sahirem victoriosos, embora com os maiores sacrificios de gente e de dinheiro, que elles têm bastante, constituindo isso já uma grande superioridade sobre os boers, que têm menos gente, tanto ouro ou mais do que os inglezes, porém ainda dentro das minas, no fundo da terra, e não reduzido a libras esterlinas, como o possuem seus poderosos adversarios.

Em todo caso, sempre é triste, humanamente pensando, ver que os inglezes têm hoje por obrigação matar o maior numero de boers e estes outro tanto de inglezes, assim como nós aqui somos aconselhados pela Junta de Hygiene, e até obrigados, para salvar nossa pelle da peste bubonica, a matar o maior numero de ratos, pulgas e outros bichos nojentos!

Ora, bolas, para a civilisação e para a humanidade!!!

E mais tarde as estatisticas darão, uma vez terminada a horriavel guerra no Transvaal, o numero exacto de inglezes e boers mortos, assim como nós aqui tambem daremos o numero... de ratos mortos!

Esta semelhança que ha na sorte entre entes humanos e immundos bichos, condemnados todos e como de parceria a morrerem, não é o mais horriavel, atroz e abominavel sarcasmo atirado á face de todo este mundo que se diz civilisado?!

Que animal feroz que é o homem!

MADRUGA FILHO

Este artista, que acaba de chegar da Europa, já se tinha feito conhecer aos nossos amadores de pintura por alguns bellos trabalhos que enviara para o nosso salon de 1899, na Escola Nacional de Bellas-Artes.

Não podiamos, portanto, deixar de comparecer logo que annunciou a sua exposição na rua do Ouvidor.

Lá estivemos e admirámos os trabalhos d'esse joven pintor, que promette tornar-se uma celebridade si conseguir voltar á Europa, onde em quatro annos fez mais do que outros em vinte.

O seu quadro *Declin du jour*, exposto no salon de Paris sob o n. 1.287, é incontestavelmente um bellissimo trabalho.

Todas as suas paisagens são executadas com o maior vigor, causando excellente impressão. *Revue* é um quadro que nos lembrou um outro, pelo facto de termos conhecido em Paris o mesmo modelo que pousou.

Os que chamaram particularmente a nossa attenção foram os de ns. 4, 6, 9, 10, 22, 24, 25.

Os nossos parabens ao joven artista, a quem desejamos que encontre bastantes amadores que o compensem de seus brilhantes esforços.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

ALMAXACK ILLUSTRADO do lavrador brasileiro, redigido pelo Dr. Germano Vert, editores Laemmert & C. — Interessante publicação para os agricultores.

Traz muitas estampas de instrumentos agricolas, o retrato do autor e o do saudoso Dr. Campos da Paz.

REVISTA CONTEMPORANEA, n. 11, sob a direcção do Sr. Luiz Edmundo. — Traz excellentes artigos litterarios e o retrato do maestro Francisco Braga.

A HYGIENE DO ESTOMAGO, do Dr. E. Monin. — Livro precioso para os gastronomos sujeitos a indigestões.

O JARDIM SECRETO, de Manuel Prevost. Tradução de Alberto Monteiro. — Bello romance editado em Paris.

Tanto a *Hygiene* como este nos foram enviados pelos Srs. A. Mascarenhas & C., da rua da Quitanda n. 38.

REVISTA CONTEMPORANEA, n. VII, publicada em Campinas; director e secretario Ribas d'Avila e Lourival de Queiroz. — Traz uma descaldela ao Succi.

BANDOLIM, de Luiz Pistarini, que declara ser o seu primeiro livro de versos. Apenas tivemos tempo de lançar os olhos sobre elle e já estamos convencidos que não será o ultimo. O Angelo agradece o cartão e o gentil engrossamento que lhe fez o autor com o seu proprio punho na primeira pagina.

O livro traz um bello prefacio do Dr. Alex. Moura e é nitidamente impresso na typographia do Tymburibá, em Rezende.

O RATO, n. 1—Este importante jornal, o maior talvez que se publica na America do Sul, sahio á luz em S. Antonio de Jesus, Estado da Bahia. O seu artigo de apresentação intitula-se *O fim d'O Rato*. N'esta quadra de peste bubonica, em que se recommenda o exterminio dos ratos, aquelle titulo é algum tanto funebre.

O tamanho d'esse importante jornal é de 90 millimetros de altura por 60 de largo! Um colosso!

REVISTA do Centro Litterario Militar—Bella publicação, nitidamente impressa, contendo interessantes artigos litterarios, sob a direcção do redactor-chefe Alfredo Severo.

MILLE BAISERS, valsa de B. Holzer editada pela casa Bevilacqua.

FAISCA, polka de A. Cavalcanti, da mesma casa Bevilacqua, a mais aptiga de todas as casas musicas d'esta cidade e uma das mais modernas no progresso d'essa arte.

BANDOLIM, n. 2—Tão interessante como o n. 1, de que já fallamos.

CONVITES:

Do Sr. Araujo Vianna, para a primeira audição das sua composições musicas que se realizou no salão do Club Euterpe.

Consta-nos terem causado a mais bella impressão no selecto auditorio que assistiu a esse bello concerto os diversos trechos musicas do talentoso maestro rio-grandense.

O Araujo Vianna foi muito applaudido, o que não é para admirar pois que o mesmo aconteceu em 1895, em pleno Oceano Atlantico, a bordo do *Brésil*, onde quasi todas as noites deleitava os passageiros e passageiras, fazendo vibrar de um piano, que felizmente não era de todo ruim, as mais bellas harmonias.

Dos Srs. Almeida & Freire, agentes das loterias do Bomfim, para assistir á extracção em 16 do corrente de uma loteria pelo novo systema denominado «Excelsior», de que é inventor o Sr. Josino de Castro.

Já ha tempo ouvimos fallar n'esse systema de extracção como o mais perfeito pela sua simplicidade e correcção. Consta-nos até que serve para matar o bicho.

Fallamos do jogo, já se vê.

Recebemos igualmente dos referidos senhores um bilhete da mesma loteria para dar-lhe o destino que acharmos mais conveniente.

Para fallar com franqueza, o melhor destino, si sahir a grande, será guardal-a. Tambem somos filhos de Deus.

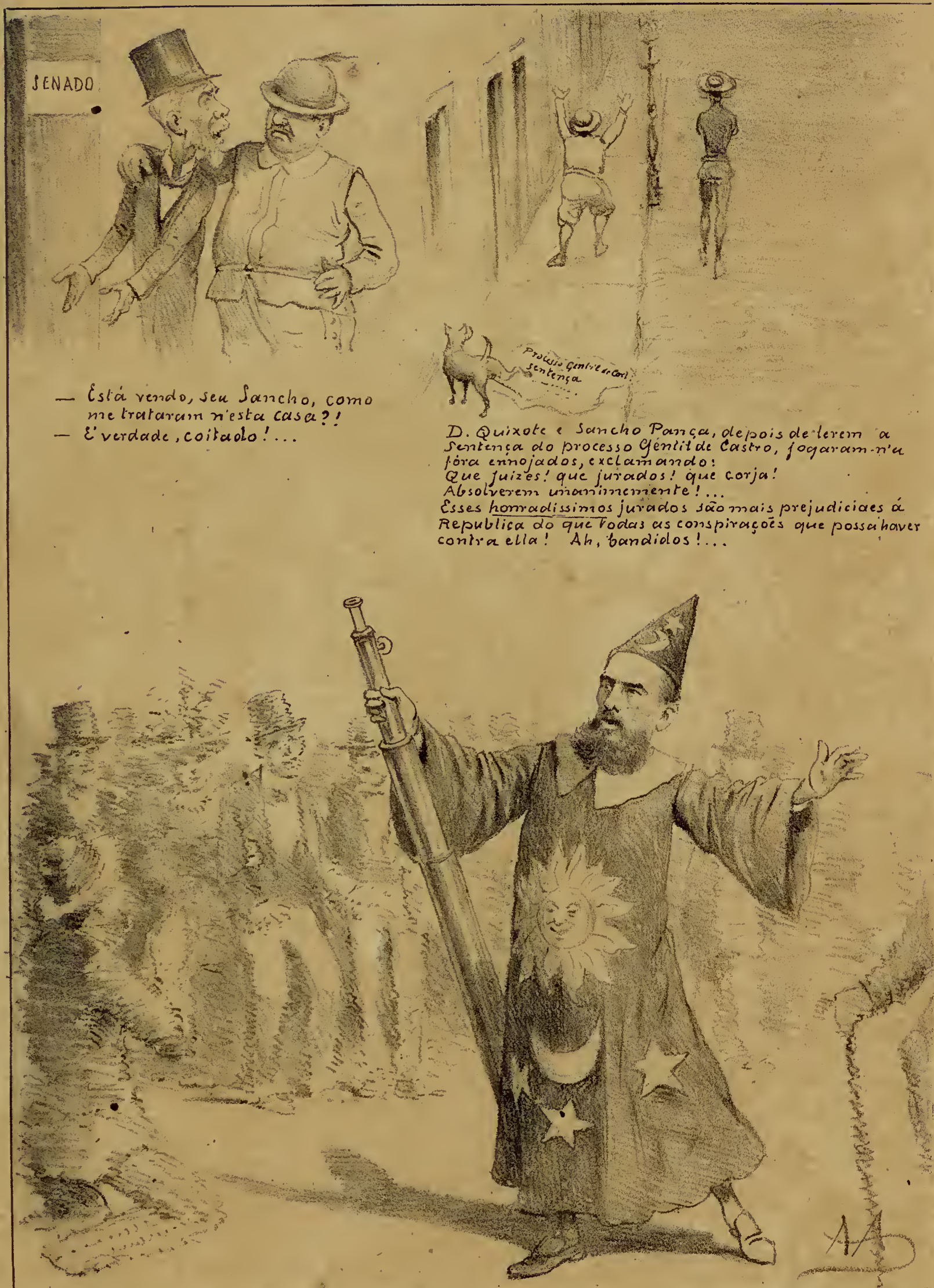
Do CLUB Gymnastico Portuguez para o baile commemorativo que se realizou em 31 de Outubro findo.

Dos TENENTES do Diabo para o baile de despedida da directoria, hontem, 11. Desejamos-lhe muito boa viagem.

DA EMPREZA do Colyseu Boliche para a inauguração do seu estabelecimento ás ruas General Pedra 89 e Sant'Anna 16.

CATALOGO da Exposição Madruga Filho, inaugurada em 6 de Novembro, na rua do Ouvidor n. 78.

O officina de obras do JORNAL DO BRASIL



— Está vendo, seu Sancho, como
me trataram n'esta casa?!
— É verdade, coitado!...

Processo Gentil de Castro
sentença

D. Quixote e Sancho Pança, depois de lerem a
sentença do processo Gentil de Castro, fogaram-n'a
fôra enojados, exclamando:
Que juizes! que jurados! que corja!
Absolverem unanimemente!...
Esses homradissimos jurados são mais prejudiciaes á
Republica do que todas as conspirações que possa haver
contra ella! Ah, bandidos!...

Constando ao Dr. Cruls, director do nosso Observatorio Astronomico, que a população
tremia de susto por causa do Cometa que diziam vir dar cabo do mundo no dia 13, tratou
esse illustre explorador do firmamento, de socegar o povo, pois que, consultando os astros,
estes lhe disseram não haver o menor perigo.